

Os espigões de Vila Velha

CLAUDIO VEREZA

Vila Velha é um município de muitos contrastes. Aliado ao seu grande potencial econômico, cultural, turístico e ambiental, também enfrenta sérios problemas de infra-estrutura, gerados a partir do seu crescimento urbano desordenado e pela falta de ações que possibilitassem o saneamento dos mesmos, garantindo mais qualidade de vida à população.

A natureza foi pródiga com o município canela-verde, berço da história capixaba. Os portugueses, que por aqui desembarcaram há 500 anos, se deslumbraram com esta terra. Talvez tenha sido essa a razão que levou Frei Pedro Palácios a idealizar a construção do Convento da Penha no alto de uma pedra: permitir que todos pudessem apreciar os encantos da Baía de Vitória e de Vila Velha.

Suas praias, suas fábricas, seu pólo de confecções, sua cultura, suas reservas ambientais atraem milhares de turistas diariamente. Mas para preservar todo esse patrimônio do seu povo, e para apreciação de quem vem de fora, o município precisa enfrentar com competência e seriedade seus graves problemas de infra-estrutura em áreas como saneamento, trânsito e transportes, moradia, etc. Isso tem gerado impactos para a cidade, como a poluição das praias, que tem sido notícia nacional.

Infelizmente, essa não foi a preocupação dos responsáveis pela aprovação dos três espigões projetados para serem construídos na orla da Praia da Costa, Itapuã e Itaparica. Hoje a região já enfrenta dificuldades com o crescimento imobiliário registrado nos últimos anos. Com 35 ou mais pavimentos, os espigões podem causar enormes danos, como sombreamento precoce das praias, o que já se verifica hoje em alguns pontos; maior adensamento dos bairros, gerando caos no trânsito de veículos, problemas de abastecimento de água e maior quantidade de esgotos não tratados e levados ao mar através do canal

da Praia da Costa, além de forte agressão ao meio ambiente.

Concordamos com o representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) no Conselho de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de Vila Velha (Conduma), arquiteto Wander Prates Sapucaia, de que há a necessidade de elaboração do Relatório de Impacto Urbano (RIU), para prever os impactos que construções deste porte podem gerar para o município, para a população e para o meio ambiente. Isso não foi feito até o momento, mesmo com a aprovação das obras pela municipalidade.

Além de todos os impactos já citados que obras desta natureza podem causar, há questões éticas que também devem ser consideradas. Inicialmente, é necessário respeito à

opinião da população, que já se posicionou contrária a tais obras. Em novembro do ano passado, a Associação de Moradores da Praia da Costa realizou uma pesquisa e 83% das pessoas pesquisadas foram a favor da limitação do gabarito em 10 pavimentos na orla da cidade.

Uma segunda questão ética: até o dia 03 de novembro, constava no Cartório de Registro de Imóveis de Vila Velha, como sendo propriedade particular do atual prefeito o terreno, na Praia de Itapoã, para onde está prevista a construção de um dos espigões. Como administrador público, o prefeito deveria atuar em consonância com os interesses

do povo, que é contra os espigões, e não beneficiar-se do cargo e aprovar obras deste porte em locais onde jamais poderiam ser construídos.

Esperamos que a Justiça, junto com a futura administração municipal, tenha bom-senso para por fim à idéia dos espigões. O que deve prevalecer é a preocupação com a qualidade de vida dos moradores e com a preservação e valorização do patrimônio natural desta cidade maravilhosa.

Claudio Vereza é deputado estadual (PT)

O município
precisa
enfrentar, com
seriedade,
seus graves
problemas